

#ForçaChape: A Tragédia da Chapecoense na Óptica da Rede Globo¹

Fernando Nícolas de Araújo MELO²

Larissa Emanuelle Pereira do Vale MACIEL³

José Ricardo da SILVEIRA⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

A comovente tragédia envolvendo a delegação da Chapecoense (SC) e profissionais de imprensa chocou o país e afetou diretamente os veículos de comunicação diante das perdas contabilizadas. A quantidade de pessoas envolvidas, o peso do inesperado, o objetivo do clube no campeonato e a ligação estreita do Brasil com o esporte motivou o aumento de coberturas ao vivo e, entre elas, um jornalismo distinto quando comparado a outras transmissões já realizadas. Tendo a sua análise voltada principalmente para as reportagens feitas pela Rede Globo, o presente artigo traz uma reflexão sobre a forma de fazer jornalismo em cenários de tragédia e a mudança repentina do editorial, tendo como escopo teórico Moretzsohn (2007), Traquina (2005) e Sant'anna (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Chapecoense; Editorial; Esfera Pública; Jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

A tragédia que vitimou 71 pessoas, entre elas jogadores, membros da comissão técnica, jornalistas e dirigentes do clube catarinense chocou o mundo e afetou diretamente o jornalismo brasileiro tanto em sua área esportiva como num contexto geral, devido à perda de 20 profissionais de diferentes meios de comunicação. A carga emotiva que envolvia a inesperada notícia afetou diretamente os editoriais dos veículos nacionais, entre eles a Rede Globo, que além alterar a sua programação diária, lidou com a quebra do seu padrão de jornalismo durante as reportagens e coberturas realizadas.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017

² Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: fernando.nicolas.melo@gmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: laryssa.emanuelle_@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, e-mail: j_silveira@yahoo.com.

A mídia traz, diariamente, essa carga enorme de conflitos e problemas humanos em sua emergência cotidiana. Pode ser o relatório da ORR, pode ser o acidente na esquina, pode ser um suicídio. Fatos que revelam e que tornam complexo o andar humano, as angústias, o sofrimento, as alegrias, o desespero, o quadro dramático da fome e o esforço da realização humana (KARAM, 2004, p.25).

Logo nas primeiras horas após o acontecimento, a emissora “convocou” os principais nomes do seu quadro de contratados para cobrir os desdobramentos da tragédia, entre eles o narrador Galvão Bueno, focando nas primeiras especulações que envolviam a queda do avião e mostrando o cenário devastador próximo ao seu destino final. A manutenção do seu padrão noticioso sofreu percalços devido à quantidade de atualizações que precisavam ser feitas, o teor emocional envolvido pelo número de vítimas e a necessidade constante de resposta às famílias.

Os grandes desastres em geral demandam uma cobertura continuada das emissoras de televisão, e por isso também envolvem uma logística diferenciada de produção. Além dos plantões com revezamento de repórteres e transmissões ao vivo, também as estrelas das emissoras integram a equipe em coberturas televisivas que adquirem um caráter de excepcionalidade, e podem render prêmios, ou ao menos indicações (COUTINHO, 2013, p. 383).

Mesmo assim, durante as entradas ao vivo, a linha seguida pela Rede Globo, embasada na “regra” primordial do jornalismo de ouvir os diferentes lados, podia ser notada pela preocupação com os espaços de fala para os envolvidos direta ou indiretamente, pois como cita Coutinho (2013), os depoimentos das fontes, sejam elas autoridades, experts ou testemunhos são determinantes na construção do acontecimento. No decorrer da programação, a mistura do jornalismo com o melancólico se fez presente, mas também o entender do acontecimento como de interesse público, diminuindo o espaço de programas de entretenimento para transmitir a chegada dos corpos ao país por horas, além da cerimônia realizada na Arena Condá, por exemplo.

Entre a emoção e o dever de informar, a repercussão mundial das notícias e o peso dessas para as famílias, a emissora foi poupada de críticas na grande parte de suas transmissões pela seriedade utilizada, mas principalmente pelas emoções demonstradas

de forma não proposital de seus profissionais, incluindo afiliadas e o canal SporTV, exclusivo da emissora para a área esportiva. O termo sensacionalismo só apareceu como *feedback* dos telespectadores durante o “amistoso da amizade” entre Brasil e Colômbia, quando a TV colocou um link ao vivo na casa da mãe do goleiro Danilo, dona Ilaídes Padilha, causando comentários nas redes sociais contra a atitude.

Por fim, analisando a cobertura da Rede Globo desde horas após a tragédia até as ditas transmissões “finais” do acontecimento, se discute a maneira de realizar a cobertura e a forma como esta foi articulada, além de explorar e observar as mudanças do padrão e editorial jornalístico implantado. Tendo também a intenção de utilizar o tema para refletir sobre os chamados princípios jornalísticos, as coberturas televisivas de tragédias e a humanização dos profissionais, a partir da demonstração de emoções ao vivo.

2 O JORNALISMO TELEVISIVO E A COBERTURA DE TRAGÉDIAS

O papel do jornalista é informar a comunidade as notícias de relevância social e trazer à tona discussões que venham a contribuir com os interesses públicos. A televisão é utilizada pelos brasileiros como uma das principais formas para se ter acesso às informações do país e do mundo. A TV Globo, emissora aberta líder de audiência, cobre massivamente os principais acontecimentos no Brasil e no mundo, e tem como principal referencial quando se fala em jornalismo e seus padrões de informação. A própria rede estabelece uma série de regras para ser seguidas como molde para o desenvolvimento das matérias e do conteúdo audiovisual quanto padrão Globo.

Dentre as coberturas feitas pela emissora, estão inclusas as tragédias que fazem parte do cotidiano das notícias. As coberturas estão aliadas principalmente ao interesse do público, que busca se atualizar entorno do acontecimento diante do impacto social causado pelo fato. Em relação à tragédia da Chapecoense, a fatalidade despertou o interesse devido à inesperada queda do avião e a ascensão do time nos campeonatos no qual participava.

Parte do (meio) ambiente, o jornalista de televisão é responsável por acompanhar esse tipo de situação, muitas vezes traumática, e narrar os fatos, descrevendo os cenários e seus personagens para o público. A

cobertura de tragédias no telejornalismo tem uma série de características e aspectos merecedores de atenção, seja com relação a questões de ordem técnica, operacional, ética e mesmo estética. (COUTINHO *apud* WHITE, 2009, p. 381).

Narrar uma tragédia é de extrema delicadeza para o repórter designado para levar a informação ao público. Desde a apuração correta dos acontecimentos até a descrição do cenário em que ocorreu a notícia, o narrador deve descrever com sensibilidade e verdade tudo que é situado diante de suas perspectivas de sentido. Além de narrar as informações com coerência, o jornalista necessita demonstrar profissionalismo enquanto agente de comunicação, até porque o personagem que transmite os acontecimentos para o telespectador é compreendido como o emissor de verdades por estar situado no local da notícia e em contato com os envolvidos na história. A ideia de serviço público reforça o conceito de dignificar a função de informar, buscando demonstrar um distanciamento de outros valores que permeiam a atividade midiática (SANT'ANNA, 2009). Portanto, o jornalista como figura pública necessita isolar-se em partes do sentimento envolvido e buscar o factual para a veracidade no fluxo das informações.

Certamente as notícias são um produto centrado no referente, onde a invenção e a mentira são violações das mais elementares regras do jornalismo. Assim, o referente, ou seja 'a realidade', não pode deixar de ser um fator determinante do conteúdo noticioso (TRAQUINA, 2005, p. 149).

As notícias relativas a acontecimentos trágicos necessitam expor o real acontecido sem destoar da realidade, porém, dentro das regras e padrões estabelecidos pelo grupo de comunicação no qual estão sendo noticiadas. A Rede Globo, enquanto empresa que gera conteúdo jornalístico, necessitou utilizar de elementos que atraíssem a atenção do telespectador, como a produção de reportagens com viés mais literário que o comum usado pela emissora e a necessidade de convocar repórteres experientes para a cobertura do acidente aéreo do time, por exemplo. Produto da realidade, as tragédias fazem parte das transmissões televisas, porém imprevisíveis para montar estrutura técnica e equipe para fazer a cobertura imediata. Diante da importância de noticiar com veracidade e com credibilidade, se faz necessário montar uma logística para a

transmissão fiel do acontecimento, trazendo à tona o que realmente ocorreu sem fugir dos padrões do meio de comunicação.

3 OS PRINCÍPIOS JORNALÍSTICOS E O INTERESSE PÚBLICO

O jornalismo é visto pela sociedade como ferramenta na obtenção das informações e entendido como verdade absoluta diante do que é exibido, ou seja, os telespectadores creem no que é repassado enquanto informação e acredita que o que está sendo noticiado, realmente aconteceu como descrito pelo repórter situado na notícia.

Entretanto, é importante manter em mente que o jornalismo, independentemente de onde e quando é exercido, ao mesmo tempo em que se apresenta como um ponto de convergência, um espaço onde são mediadas as tensões sociais, ele constitui uma atividade econômica, tanto quanto cultural; ele se apresenta quanto uma instituição política, tanto quanto uma atividade profissional (SANT'ANNA, 2009, p. 434).

Dito como o produto entre a visão do jornalista e os padrões estabelecidos pelo grupo de comunicação, o acontecimento deve ser retratado buscando a junção do que realmente aconteceu, sem interpretações equivocadas, juntamente com os métodos utilizados pela emissora para “vender” os seus noticiários. Ou seja, além da interpretação dos profissionais, a visão comercial dos acontecimentos também é agregada na cobertura das informações, pois os telejornais são produtos dotados de cotas comerciais oferecidas pela emissora. Portanto, esse choque de interesses precisa ser neutralizado buscando o crescimento do número de espectadores associado à veracidade dos acontecimentos, sem necessariamente utilizar-se de sensacionalismo.

É papel da emissora noticiar as tragédias, porém, sem a obrigatória necessidade de fazer uso do ocorrido para aumentar a audiência da forma mais cruel e repetitiva. Porém, o interesse da população em se manter informada quanto ao acontecimento eleva os números do IBOPE⁵, voltando os olhares da população para o informe. A TV Globo ao cobrir o velório das vítimas da tragédia da Chapecoense rendeu 18,1 pontos⁶ à emissora na Grande São Paulo, entre 9h14 e 15h01. É quase o dobro dos 9,7 pontos que

⁵ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

⁶ Cada ponto equivale a 69,4 mil domicílios na Grande São Paulo.

a Globo obteve no mesmo horário nos quatro sábados anteriores (NOTÍCIAS DA TV, 2016).



Média do dia (7h/0h):	17,1
Como Será?	6,0
É de Casa	10,6
O Adeus em Chapecó - de 9h14 a 15h	18,1
Estrelas	13,8
Caldeirão do Huck	14,6
Sol Nascente	20,4
SP TV 2ª Edição	22,5
Rock Story	22,2
Jornal Nacional	28,0
A Lei do Amor	24,3
Zorra	15,5
Altas Horas	10,6
Zero 1	7,3
Supercine - Boa Sorte	6,6
Corujão 1 - Margaret	3,9
Corujão 2 - A Lenda do Zorro	3,6

Tabela de audiências da Tv Globo relativo ao dia da cobertura do velório (Reprodução: Notícias da Tv/Uol).

A audiência da emissora aumentou relativamente fazendo a cobertura ao vivo da recepção das vítimas na cidade em que o time é situado. Ou seja, o interesse do público aliado à tragédia, elevou consideravelmente os números da Tv Globo, que cumpriu o seu papel em trazer a informação para a sociedade, porém utilizando de estratégias que fogem do padrão estabelecido pela empresa, que nega a exploração de sentimentos para aumentar a audiência (MARINHO, 2011).

4 A HUMANIZAÇÃO DO PROFISSIONAL ATRAVÉS DO INESPERADO

Durante as coberturas realizadas pelo menos por uma semana até a chegada dos corpos das vítimas ao país, a Rede Globo se destacou de forma inesperada e além do seu padrão jornalístico. Entre entradas ao vivo, programas, entrevistas e reportagens, a emoção dos profissionais espalhados entre Colômbia e Chapecó chamou a atenção do telespectador, que reagiu positivamente ao compartilhar os conteúdos em suas redes sociais. De Galvão Bueno a Eric Faria, a voz embargada e o choro compulsivo “tomou” o espaço das notícias por minutos, mas sem prejudicar a compreensão da informação. É

um dos primeiros momentos de reflexão quanto à compreensão do jornalista não só como um “guardião do saber”, mas também como um profissional humanizado.

A teoria democrática reconhece certamente que os jornalistas têm uma competência específica que é identificada em primeiro lugar com o fornecimento de informação à sociedade, isto é, das notícias. É suposto que os jornalistas saibam o que é notícia e resistir a qualquer invasão daquilo que Wilensky (1964) chamou um “monopólio de perícias”, e Pierre Bourdieu (1998) designou por um “monopólio de saberes” (TRAQUINA, 2005, p. 35).

Esses contratempos, mesmo que enaltecidos pelo espectador, também acabaram virando notícia da própria Rede Globo, quando casos como o do repórter Guido Nunes, abraçado por uma das mães das vítimas, foi destaque do canal SporTV, da própria TV Globo e também nas redes sociais da empresa.



Repórter Guido Nunes se emociona após questionamento de Dona Iláides, mãe do goleiro Danilo. (Foto: reprodução da rede social *Twitter*).

A ideia de utilizar essas cenas destoantes se encontra com a visão do que pode ser sensacionalismo dentro da cobertura de tragédias e até que ponto aquela emoção é legítima e involuntária, pois como cita Karam (2004, p.25), “imputar somente negatividade e manipulação ao jornalismo está tão longe de suas efetivas possibilidades quanto considerar que ele é o espelho real do mundo”. Repercutir o choro do repórter do

canal fechado pela grande aceitação da atitude vai ao encontro da humanização do profissional, mas pode ser um defeito da emissora quando utilizado em outras oportunidades, ao colocar o repórter novamente em contato com a entrevistada no amistoso entre Brasil e Colômbia, com o intuito de provocar a emoção de quem acompanha.

Seguindo com a reflexão dessa união entre emoção e o fazer jornalístico, a TV Globo ainda teve casos como o tradicional repórter Ari Peixoto, que não conseguiu conter as lágrimas ao participar do Jornal Hoje quando precisou noticiar o nome de uma das vítimas e também um dos funcionários da empresa, Guilherme Marques. Defendido pelos colegas Evaristo Costa e Fátima Bernardes posteriormente, argumentos como “entender a emoção” e “uma cobertura com uma cara diferente” foram citados. Da mesma forma, na situação enfrentada pelo repórter Eric Faria na cerimônia realizada na Arena Condá, Galvão Bueno defende a comoção do mesmo, seguindo inclusive a linha editorial sustentada pela Globo, no item d do tópico 2, denominado de “Diante do Público”, onde afirma que a sensibilidade deste será levada em conta (MARINHO, 2011).



Ari Peixoto não contém as lágrimas em sua participação no Jornal Hoje (Foto: reprodução do Youtube)



Eric Faria chora ao vivo e é defendido por Galvão Bueno.
A emissora divide a cena em duas telas (Foto: reprodução do Youtube).

Para explicar situações como essa, onde se utiliza a emoção de seus funcionários para dar um tom mais sentimental à sua cobertura, Traquina (2005) afirma que outra característica da maneira de ver dos jornalistas é o gosto pelo drama. A divisão das telas no caso de Eric Faria, a necessidade de quase “entrevistar” o repórter Ari Peixoto sobre a sua emoção no programa *Encontro* e colocar o também repórter Guido Nunes em contato com Ilaídes Padilha no “jogo da amizade”, demonstram a intenção da emissora em fazer dos percalços uma oportunidade de maior audiência.

As notícias de imprensa e de televisão são semelhantes pelo fato de serem relatos melodramáticos. Existe entre os membros da comunidade um gosto pelos detalhes mais espetaculares, um gosto pela retórica mais empolgante (o que não pode ser considerado como simplesmente sensacionalismo), um gosto pela polêmica e pelo conflito (TRAQUINA, 2005, p. 50).

Entre o uso dessas emoções e os sentimentos considerados legítimos também está o programa *Esporte Espetacular*, na época apresentado por Fernanda Gentil e Fernando Canto. Lembrando-se dos profissionais que trabalharam na Rede Globo, uma reportagem especial foi elaborada com um tom voltado para o jornalismo literário, quase que se esquecendo do esporte para ressaltar a função de cada um deles e o “clima harmônico” que existia na redação da TV. Palavras como harmonia, alegria e informação quase que se entrelaçavam no texto, reforçando essa vertente.

O jornalismo absorve assim, elementos do fazer literário, mas, camaleão, transforma-os, dá um aproveitamento direcionado a outro fim. (...) E é esta tarefa, a de sair do real para coletar dados e retrata -

los, a missão que o jornalismo exige das formas de expressão que passa a importar da literatura adaptando-as, transformando-as (LIMA, 1995, p.138).

Utilizando-se do poético para reforçar o teor da reportagem, traduzida em memória para quem conheceu os personagens, a imagem em que a redação faz do texto à realidade em um abraço, exemplifica a escolha da emissora em informar o seu telespectador dessa forma.



Glenda Kozlowski narra a reportagem e se une aos funcionários em um abraço pelas vítimas que trabalhavam na Rede Globo (Foto: reprodução do Youtube).

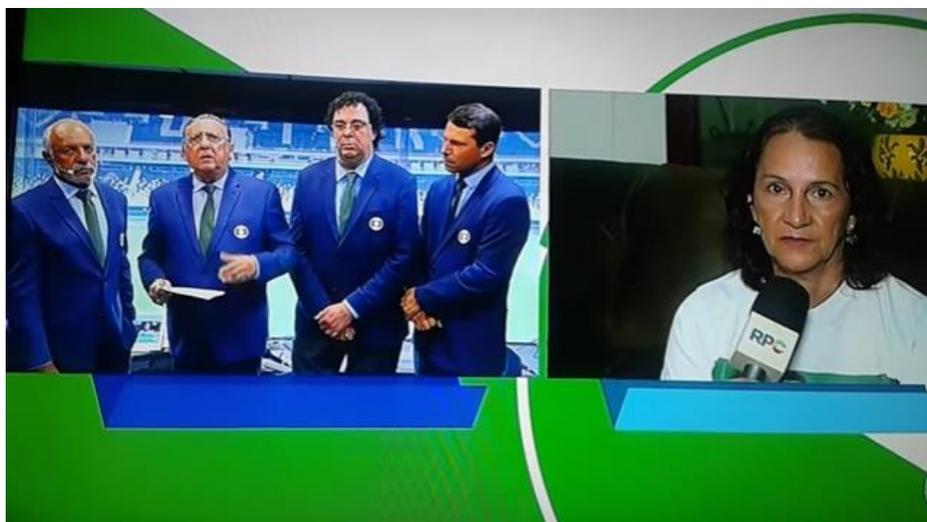
O gosto pelas palavras que traduzissem aquele momento de dor enfrentado pelas famílias e pela própria redação da emissora deu o tom até os minutos finais da reportagem, que por vezes ignorou o lado trágico para deixar fluir o sentimento que ali ficou após a queda do avião e também a perda de seus funcionários.

4.1 Transmissão do Jogo da Amizade: o Erro e o Acerto da TV Globo

Quase dois meses após a tragédia, o acerto entre as seleções do Brasil e da Colômbia por um jogo amistoso, denominado “jogo da amizade”, foi acompanhado pela Rede Globo; Conhecedora do seu sucesso nas transmissões distintas e emocionadas da tragédia, a TV voltou a “quebrar seus padrões”, dessa vez de maneira proposital. Praticamente ignorando a execução da partida, trouxe como convidados os sobreviventes, utilizou o poder de articulação de Galvão Bueno e ainda resolveu trazer mais uma novidade à transmissão: um link ao vivo da casa da mãe de uma das vítimas, novamente Dona Ilaídes, pelo seu peso para com os telespectadores nas entrevistas.

A intenção que chegava aos que acompanhavam a transmissão era de um jogo diferente e, por isso, uma forma de fazê-lo também diferenciada, mas que acabou quebrando a própria linha editorial da TV e incomodando em alguns aspectos: o link ao vivo diretamente da residência da mãe do goleiro Danilo foi o ponto mais criticado e apontado como sensacionalismo, ainda que o momento em que o goleiro Jackson Follmann, sobrevivente da tragédia canta uma música gospel, foi visto como interessante para quem assistia.

Mostrando-se contra um jornalismo sensacionalista, a TV afirma em seus princípios editoriais (**item c do tópico 2**, chamado ‘Diante do Público’) que “nenhum veículo do Grupo Globo fará uso de sensacionalismo, a deformação da realidade de modo a causar escândalo e explorar sentimentos e emoções com o objetivo de atrair uma audiência maior”. Sobre a transmissão feita diretamente de uma residência, a emissora enfatiza também na sua linha editorial e no mesmo tópico que “a privacidade das pessoas será respeitada, especialmente em seu lar e em seu lugar de trabalho” (MARINHO, 2011), mas acabou por aproveitar a atitude de Ilaídes para com o repórter Guido Nunes para gerar mais comoção, causando desconforto.



Globo coloca um link ao vivo na casa de Dona Ilaídes para entrevistas durante o amistoso (Foto: reprodução do Youtube).

Em um partida que realmente apresentava um teor diferente, liderada por Galvão Bueno, a emissora acertou ao não focar apenas no lado esportivo ali envolvido, mas no contexto geral da tragédia. Mesmo assim, utilizar-se da dor da mãe de uma vítima e pedir um sobrevivente para cantar ao vivo em uma cobertura esportiva talvez não condiga com o que está escrito em seus princípios de trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a forma de “fazer jornalismo” diante de tragédias passa além das fontes, mas vai ao encontro com a linha editorial defendida pela empresa, ainda que esta possa ser quebrada em alguns casos, como foi exemplificado na discussão proposta. Devido à condição do inesperado e entendendo tal acontecimento como de interesse público, as emissoras precisarão se desdobrar entre os funcionários mais experientes e um planejamento de última hora, que poderá sofrer percalços a partir da situação que os repórteres poderão enfrentar, bem como o desencontro de informações.

Como aponta Moretzsohn (2007), o jornalismo tenta apresentar a notícia e lavar suas mãos em determinadas situações, mas pode ter suas mãos sujas caso não assuma o compromisso de informar a partir de fontes mais precisas. As fontes, como ainda aponta a autora, podem ser utilizadas como uma forma de eximir o jornalista de uma situação, como aconteceu não apenas com a Rede Globo nas primeiras informações da tragédia, que davam conta da sobrevivência do goleiro Danilo, mas com outros canais e meios de comunicação, que acabaram por confundir o telespectador e a própria família da vítima.

O jornalismo, nas mais diversas situações, se apresenta à esfera pública como sendo uma atividade condutora, transmissora e esclarecedora, centrada na missão de colocar os fatos em correlação e perspectiva (SANT’ANNA, 2009). Mesmo assim, o ato de noticiar pode provocar diferentes formas de percepção do espectador, e em casos de tragédia, o tom adotado pela cobertura também pode ser encarado como sensacionalista. No caso da TV Globo, as entradas ao vivo e as reportagens não passaram esta sensação para quem assistia, mas ao aproveitar-se da emoção de seus funcionários, dividindo as telas, os transformando em entrevistados e até mesmo contribuindo com o compartilhamento daquele conteúdo em especial, como foi no caso do repórter Guido Nunes, a Globo acabou por compactuar com o jornalismo sensacionalista, quebrando tópicos dos seus próprios princípios e quase que se esquecendo do valor da humanização presente nos seus profissionais.

Ainda abordando as questões do sensacionalismo, como na transmissão no mínimo atípica do “jogo da amizade”, na exposição da mãe de uma das vítimas ao vivo, no uso da presença do goleiro Jackson Follmann e o pedido para que ele cantasse em cadeia nacional, também pode se discutir o gosto pelo melodramático, como ressalta Traquina (2005), em sua obra *Teorias do Jornalismo*. Seguindo o ritmo de sua empresa, o jornalista traça sua

cobertura a partir de outras já realizadas, utiliza-se de sua linguagem direta para criar o desejo pela notícia e acaba por pecar ao transformar seu conteúdo em algumas vezes na oportunidade de mais uma estória narrada em tons diferentes. No caso da utilização das imagens que envolviam “dona Ilaídes” e também os sobreviventes, é o “estruturar os acontecimentos em torno de um indivíduo”, como o autor também explica, num movimento de criar a necessidade de personagens, que possam tocar quem assiste.

A partir das obras dos autores citados, analisamos este caso com o intuito de compreender as transmissões realizadas pela TV Globo na tragédia envolvendo a Chapecoense. Por fim, entendemos que a emissora se destacou das demais transmissões pelo tempo dedicado à notícia, quebrando seus protocolos em determinadas situações, mas principalmente pelas demonstrações dos seus funcionários, consideradas legítimas por quem acompanhou, ainda que estas tenham sido utilizadas para outro fim em alguns momentos da programação. A presença de um jornalismo com tons literários, como percebido no programa *Esporte Espetacular*, também foi um ponto positivo a ser destacado, bem como a presença de seus jornalistas sempre próximos à informação, utilizando-se do furo jornalístico em alguns momentos para citar, por exemplo, o descaso da empresa aérea La Mía.

REFERÊNCIAS

Canal LC. **Profissão Repórter 30/11/2016 - Chapecoense completo**. Vídeo (39min17s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FbMg1kCbXzo>>. Acesso em 29 abr. 2017.

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. **A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia**. Estudos em Jornalismo e Mídia, V. 10, p. 380-398, 2013.

CUNDARI, Paula Casari; WEBER, Cristiane. A influência da Mídia em Gerenciamentos de Crise: Uma Análise da Cobertura da Rede TV no Caso Eloá Pimentel. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010. **Anais eletrônicos**. Caxias do Sul, Universidade Feevale, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2849-1.pdf>>. Acesso em 29 abr. 2017.

'DM Produções Artística e Eventos'. **Repórter Ari Peixoto chora ao dar notícia sobre colega morto na queda de avião na Colômbia.** Vídeo (3min48s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wP0zBe0N3ZE>>. Acesso em 29 abr. 2017.

Geral falando. **Repórter Éric Faria chora ao vivo durante velório da Chapecoense.** Vídeo (1min22s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VaUp1Ue6V7M>>. Acesso em 29 abr. 2017.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A Ética Jornalística e o Interesse Público.** São Paulo: Summus, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.

MARINHO, José Roberto; MARINHO, João Roberto; MARINHO, Roberto Irineu. **Princípios Editoriais do Grupo Globo. G1.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html> >. Acesso em: 30 abr. 2017.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico.** Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NELSON, Traquina. **Teorias do Jornalismo – Uma Comunidade Interpretativa Transnacional.** Florianópolis: Insular, 2005.

Notícias da Tv. **Ibope da Globo quase dobra com velório da Chapecoense.** Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/ibope-da-globo-quase-dobra-com-velorio-da-chapecoense--13424#ixzz4fsLtklFO> >. Acesso em: 01 mai. 2017.

Rayllon Vídeos. **Mãe do goleiro Danilo da Chapecoense emociona Galvão Bueno na entrevista.** Vídeo (3min25s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TE_jVAEjwjo>. Acesso em: 29 abr. 2017.

ROBERTO, Paulo. **Mãe do goleiro Danilo, da Chapecoense, comove ao oferecer abraço a repórter em entrevista.** Vídeo (7min06s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O8SnQfSph8M>>. Acesso em 29 abr. 2017.

SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das fontes**: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, p. 433-435, 2009.

Soccer7i. **Matéria do Fantástico Completo** - Tragédia da Chapecoense. Vídeo (22min16s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P9-QipYCFg&t=661s>>. Acesso em 29 abr. 2017.

Tesouro Sport. **Homenagem às vítimas da Chapecoense** - Fernanda Gentil chora ao vivo no Esporte Espetacular. Vídeo (16min10s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oyee01dMSvQ>>. Acesso em 29 de abr. 2017.